



Movimentos sociais e educação como ferramenta de empoderamento de mulheres negras: perspectivas para o desenvolvimento sustentável

Social movements and education as a tool for the empowerment of Black women: perspectives for sustainable development.

Nadine dos Reis Gomes

Instituto da Educação da Universidade de Lisboa, <https://orcid.org/0009-0009-1041-0111>, dosreis234@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa o papel dos movimentos sociais de mulheres negras em Portugal, compreendendo-os como espaços educativos não formais que contribuem para o empoderamento individual e coletivo. Partindo do problema da invisibilidade académica e política dessas práticas, buscou-se compreender de que modo iniciativas como a FEMAFRO, o INMUNE e a ONG Pé de mobilizam metodologias centradas no acolhimento, no autoconhecimento e na valorização identitária. Os resultados evidenciam que tais movimentos produzem impactos significativos, fortalecendo a autoestima, a consciência crítica e a participação social das mulheres negras, ao mesmo tempo em que constroem redes de solidariedade e ação comunitária. Contudo, permanecem desafios relacionados ao reconhecimento institucional, ao apoio financeiro e à sistematização académica dessas práticas. Conclui-se que uma educação de qualidade, em consonância com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, deve integrar essas experiências interseccionais como parte essencial da transformação social.

Palavras-chaves: Educação; Mulheres Negras; Movimentos Sociais; Empoderamento; Portugal.

Abstract

This article analyzes the role of Black women's social movements in Portugal, understanding them as informal educational spaces that contribute to individual and collective empowerment. Based on the problem of the academic and political invisibility of these practices, we sought to understand how initiatives such as FEMAFRO, INMUNE, and the NGO Pé de Potência mobilize methodologies centered on acceptance, self-knowledge, and identity valorization. The results show that these movements produce significant impacts, strengthening the self-esteem, critical awareness, and social participation of Black women, while also building networks of solidarity and community action. However, challenges remain

Revista Conexão ComCiência,
Fortaleza, n.1, v.6, e16727, 2026
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.



related to institutional recognition, financial support, and the academic systematization of these practices. We conclude that quality education, in line with the Sustainable Development Goals, must integrate these intersectional experiences as an essential part of social transformation.

Keywords: Education; Black Women; Social Movements; Empowerment; Portugal.

1 Introdução

A educação de qualidade é reconhecida como um dos pilares dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, sobretudo o ODS 4, que propõe “assegurar a aprendizagem ao longo da vida e oportunidades de educação inclusiva para todos”.

No entanto, ao considerarmos mulheres negras em Portugal, evidenciam-se múltiplas barreiras estruturais que comprometeriam o pleno exercício desse direito fundamental.

Em contextos portugueses, associações fundadas e lideradas por mulheres negras como a Associação de Mulheres Negras, Africanas e Afro Descendentes em Portugal (FEMAFRO), surgida em 2016, têm atuado fortemente na promoção de direitos e espaços educativos não formais, enfrentando o racismo, o sexismo e a discriminação estrutural¹.

Desde a década de 1990, movimentos de mulheres negras em Lisboa emergem também em torno de habitação, integração comunitária e promoção do desenvolvimento, incluindo o acesso à educação.

Esses movimentos sociais têm desempenhado papel central não só como espaços de mobilização política, mas também como evocações pedagógicas que reconhecem a identidade negra enquanto força de transformação coletiva. As lideranças femininas, frequentemente invisibilizadas, passam a protagonizar a construção de narrativas contra-hegemônicas e fortalecem uma educação antirracista orientada pela diferença.

¹ Site oficial: <https://femafro.pt/>





Este estudo foca exclusivamente em mulheres negras que vivem em Portugal e que, por meio de movimentos sociais e coletivos ativistas, reivindicam a educação como ferramenta de empoderamento individual e coletivo.

O problema reside na invisibilidade acadêmica e política desses espaços: embora existam ações concretas que utilizam a educação não formal para fortalecer autoestima, identidade e cidadania, tais processos ainda são pouco sistematizados e escassamente reconhecidos em políticas públicas.

O artigo pretende analisar os modos como movimentos sociais liderados por mulheres negras em Portugal mobilizam práticas educativas formais ou não formais, como instrumentos de empoderamento. Busca-se compreender: quais espaços e formas de educação alternativa são criados por esses movimentos? De que maneira tais práticas fortalecem a identidade, autoestima e atuação política das mulheres negras?

Tematicamente, esta pesquisa contribui para os estudos de educação, feminismo negro e movimentos sociais, sobretudo no contexto lusófono. Ao trazer à luz experiências concretas e localizadas, promove a construção de uma genealogia específica do feminismo negro em Portugal, que ainda carece de contagem e visibilidade.

Socialmente, ao reconhecer e analisar essas práticas educativas coletivas, o estudo reforça a urgência de políticas públicas que contemplem a educação antirracista e de gênero, conectando-se diretamente com os ODS 4, 5 (igualdade de gênero) e 10 (redução das desigualdades).

2 Metodologia

Este estudo adota uma abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo, buscando compreender de que forma movimentos sociais de mulheres negras em Portugal utilizam a educação como ferramenta de empoderamento.

A Revisão bibliográfica foi realizada a partir de levantamento de produções teóricas e acadêmicas sobre educação, feminismo negro e movimentos sociais em





Portugal, com base em autoras como bell hooks (1994), Sueli Carneiro (2003), Grada Kilomba (2010) e autores portugueses ligados aos estudos de migração, feminismo e educação.

Em relação à análise documental, foi feito estudo de relatórios, sites e materiais produzidos por organizações e coletivos de mulheres negras em Portugal, como a FEMAFRO, a INMUNE (Instituto da Mulher Negra em Portugal) e a ONG Pé de Potência, com destaque para o *Projeto Afã – Pontes e Raízes Migrantes*, que dinamiza práticas educativas voltadas ao fortalecimento cultural e identitário.

No tocante aos estudos de caso, foi realizada a observação e descrição de práticas educativas em espaços comunitários não formais desenvolvidos por coletivos de mulheres negras em Lisboa e outras regiões metropolitanas.

Como critérios de análise, os documentos e experiências serão analisados a partir das seguintes dimensões: educação como prática emancipatória – compreensão de como a educação é utilizada para fortalecer identidade e autoestima; participação comunitária – papel dos movimentos sociais como espaços de educação não formal e cidadania; empoderamento de mulheres negras – estratégias que relacionam educação, liderança social e transformação coletiva.

A escolha da abordagem qualitativa fundamenta-se na perspectiva de Paulo Freire (1987), para quem a educação só pode ser compreendida a partir das vivências e da prática social dos sujeitos. Além disso, Bell Hooks (1994) reforça que uma educação crítica e engajada deve valorizar experiências localizadas, sobretudo as de mulheres negras, que historicamente enfrentaram invisibilidade social e acadêmica.

Assim, ao reunir revisão bibliográfica, análise documental e estudos de caso, a metodologia pretende oferecer um olhar integrado sobre a articulação entre educação e empoderamento, destacando iniciativas como o *Projeto Afã- Pontes e Raízes Migrantes*, que se insere nesse esforço coletivo de transformação.

3 Resultados e Discussão

Revista Conexão ComCiência,
Fortaleza, n.1, v.6, e16727, 2026
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.



3.1 FEMAFRO: Educação Não Formal, Identidades e Ativismo

A **FEMAFRO** — Associação de Mulheres Negras, Africanas e Afrodescendentes em Portugal, atua desde 2016 em prol da visibilidade, liderança e protagonismo das mulheres negras. Entre suas estratégias estão a realização de atividades de educação não formal, formações entre pares, intercâmbios e produção audiovisual junto a comunidades locais, escolas e universidades². Um exemplo notável foi o projeto “Década Internacional de Afrodescendentes”, conduzido entre outubro de 2017 e julho de 2018 com jovens de 14 a 23 anos.

A iniciativa resultou na criação de campanhas audiovisuais anti-racistas em parceria com escolas de Amadora e Lisboa.

Essas práticas demonstram como a educação não formal permite não apenas a conscientização sobre desigualdades, mas também a reconstrução de identidades, o fortalecimento intergeracional e a produção de narrativas contra-hegemônicas por mulheres negras em Portugal.

3.2 INMUNE: Produção de Conhecimento, Visibilidade e Educação Crítica

O Instituto da Mulher Negra em Portugal (INMUNE) foi fundado em 2018 por 27 mulheres negras de áreas diversas, com proposta feminista interseccional e anti-racista. A instituição busca criar uma voz coletiva e visível, verticalizando a participação política e acadêmica dessas mulheres no espaço público. INMUNE desenvolve diversas iniciativas educativas, como o documentário “As Vozes da Mulher Negra”, totalmente produzido por mulheres negras, com o objetivo de romper o silêncio histórico e valorizar a cultura e herança negra em Portugal.

Além disso, promove performances como “Gestuário II”, que reforçam práticas pedagógicas expressivas e simbólicas contra o apagamento social. Entre outras ações, o INMUNE realiza as “Conversas às Escuras”, que oferecem espaços de reflexão

² Site oficial: <https://femafro.pt/>





coletiva contra o silenciamento e por uma educação que repense narrativas normativas sobre mulher e negritude.

As iniciativas do INMUNE evidenciam um tipo de educação crítica comprometida com a transformação cultural e política — tocando a linguagem, a memória histórica e as representações sociais.

3.3 Projeto Afá – Pontes e Raízes Migrantes: Acolhimento, Empoderamento e Autoconhecimento

Desde 2024, integro a Associação Pé de Potência e participei ativamente no Projeto Afá – Pontes e Raízes Migrantes, uma iniciativa que me proporcionou uma compreensão mais profunda sobre a educação como prática de emancipação e empoderamento de mulheres negras e migrantes em Portugal.

O projeto, de base comunitária e centrado na escuta ativa, dinamizado no Vale da Amoreira, foi um espaço de construção identitária, fortalecimento emocional e diálogo intercultural, unindo mulheres de diferentes origens africanas e afrodescendentes na sua maioria pertencentes ao “Coletivo Mukambu” em torno da partilha de saberes e experiências.

Durante as sessões, observou-se que a metodologia “SER CAPAZ” estruturada em torno do:

- **Acolhimento como prática educativa**, criando ambientes de escuta, pertencimento e partilha emocional.
- **Autoconhecimento e autoestima**, com estímulo à autonomia emocional e entendimento das próprias histórias.
- **Reconstrução simbólica**, através da ideia de "Afá"

Favorece o desenvolvimento da autoestima e o reconhecimento das próprias trajetórias como portadoras de valor histórico e social.

O termo “Afá”, que significa raiz, evocava constantemente a ideia de retorno ao essencial, de ligação entre passado e presente, e de fortalecimento coletivo.





Essa pedagogia afetiva e identitária, desenvolvida pela Pé de Potência, distingue-se por aliar saberes ancestrais à prática contemporânea da educação popular. Enquanto participante, pude vivenciar a importância da escuta ativa e da partilha horizontal de experiências, elementos que consolidaram um sentimento de pertença e de sororidade. O espaço educativo criado pelo Projeto Afá revelou-se um verdadeiro laboratório de reconstrução emocional e cultural.

As participantes, ao narrarem as suas histórias, ressignificavam feridas do passado e experiência de migração, transformando-as em narrativas de força e superação. O ato de aprender e ensinar tornava-se, assim, uma prática coletiva e libertadora, profundamente alinhada com o pensamento de Paulo Freire e Bell Hooks, para quem o afeto e o diálogo são centrais à pedagogia emancipatória.

A presença no Afá também revelou desafios significativos: a limitação de recursos, a dificuldade de marcar encontros e a fraco apoio institucional. Contudo, a força comunitária das mulheres envolvidas foi o principal fator de resistência e continuidade do projeto.

Essa resiliência demonstrou que, mesmo em contextos adversos, a educação não formal pode ser um instrumento poderoso de reconstrução e fortalecimento da identidade negra feminina.

3.4 Impactos e Desafios

Impactos positivos:

- Visibilidade e protagonismo: iniciativas como as da FEMAFRO e INMUNE visibilizam mulheres negras como agentes ativos, intelectuais e culturais.
- Educação transformadora: todas as três iniciativas adotam métodos não formais, participativos e centrados em narrativas pessoais, fortalecendo autoestima e identidade.
- Construção comunitária: elas promovem redes de sororidade, solidariedade e ação política coletiva.





Desafios persistentes:

- Invisibilidade institucional: apesar dos impactos sociais, essas práticas ainda são pouco reconhecidas ou apoiadas por políticas públicas formais.
- Escalabilidade e sustentabilidade: manter e expandir projetos como o Afá – Pontes e Raízes migrantes exige estrutura, financiamento e alcance mais consistente.
- Visibilidade acadêmica e sistematização: há escassez de estudos acadêmicos sistemáticos sobre essas iniciativas, tornando urgente documentar seus efeitos e métodos.

4 Considerações Finais

A experiência vivida na Associação Pé de Potência, em especial no Projeto Afá, consolidou a minha compreensão da educação como um processo transformador e intersubjetivo. Através da convivência com outras mulheres negras e migrantes, aprendi que o empoderamento coletivo é uma construção contínua, que exige diálogo, consciência crítica e solidariedade.

A partilha de histórias, emoções e memórias comuns funcionou como um espelho coletivo, permitindo-nos reconhecer a força que reside na ancestralidade e no autoconhecimento. A análise dessa vivência também revela que as práticas educativas comunitárias, quando orientadas por princípios interseccionais e afetivos, possuem um impacto duradouro tanto no nível individual quanto no coletivo.

As mulheres envolvidas tornam-se multiplicadoras de saberes e criadoras de redes de apoio que se estendem para além do espaço do projeto. Tal fenômeno confirma que a educação popular, especialmente quando conduzida por mulheres negras, não é apenas um instrumento de ensino, mas uma forma de resistência cultural e afirmação política.

Do ponto de vista acadêmico, esta experiência oferece contributos significativos para o campo da educação antirracista e de gênero, demonstrando a eficácia das metodologias participativas e da escuta ativa como práticas pedagógicas.





No plano social, reforça a urgência de integrar essas abordagens nas políticas públicas de educação e integração, reconhecendo o papel fundamental das organizações comunitárias lideradas por mulheres negras.

Assim, este relato de experiência reafirma que o verdadeiro potencial da educação reside na sua capacidade de unir conhecimento, emoção e ação política, criando espaços onde as mulheres negras possam não apenas aprender, mas também ensinar, liderar e transformar.

Essa vivência no Projeto Afá permanece como um marco pessoal e coletivo de resistência e esperança, um testemunho de que a educação, quando enraizada na comunidade e na afetividade, é capaz de gerar mudanças profundas e sustentáveis.

O problema que motivou esta investigação partiu da constatação de que, embora mulheres negras em Portugal venham desenvolvendo práticas educativas inovadoras em contextos formais e, sobretudo, não formais, tais iniciativas permanecem pouco reconhecidas na esfera acadêmica e política. Essa invisibilidade limita o impacto de ações que, na prática, têm promovido o empoderamento, a autoestima e a participação social dessas mulheres.

Ao analisar experiências concretas como a FEMAFRO, o INMUNE e o Projeto Afá – Pontes e Raízes Migrantes, constatou-se que os movimentos sociais desempenham um papel fundamental na criação de espaços educativos alternativos, onde a escuta, a valorização identitária e a formação crítica se transformam em ferramentas de emancipação.

A FEMAFRO, através de campanhas audiovisuais e formação comunitária, mostra como a educação não formal pode reconfigurar narrativas sobre juventude afrodescendente.

O INMUNE, por sua vez, fortalece a produção de conhecimento e a visibilidade coletiva, situando a mulher negra no centro da reflexão crítica e da ação política.





Já o Projeto Afá – Pontes e Raízes Migrantes acrescenta a dimensão do acolhimento pedagógico e do autoconhecimento, oferecendo a mulheres migrantes a possibilidade de reconstruírem vínculos e identidades a partir de metodologias afetivas e interseccionais.

Os resultados obtidos permitem responder ao problema inicial: a educação mobilizada por movimentos sociais de mulheres negras em Portugal não apenas existe, mas tem produzido impactos concretos na vida das participantes e na sociedade, ao ampliar a autoestima, a consciência crítica e a participação cidadã dessas mulheres. O desafio não é a ausência dessas práticas, mas sim o seu reconhecimento, valorização e integração em políticas públicas de educação e inclusão.

Cumpre-se, assim, o objetivo de pesquisa ao demonstrar que a educação promovida por movimentos sociais constitui um instrumento central de empoderamento, sobretudo quando articulada às dimensões de raça, gênero e migração.

A partir dessa análise, pode-se concluir que uma educação de qualidade, entendida em consonância com os ODS, deve considerar práticas educativas não formais, interseccionais e comunitárias, que reconheçam a pluralidade de vozes e experiências das mulheres negras. Por fim, este estudo aponta para a necessidade de: políticas públicas de apoio e financiamento a iniciativas comunitárias conduzidas por mulheres negras; maior articulação acadêmica com os movimentos sociais, de modo a sistematizar e visibilizar seus impactos; reforço da dimensão interseccional na educação em Portugal, reconhecendo que desigualdades de gênero, raça e migração se cruzam e demandam respostas específicas.

Assim, a educação de qualidade, enquanto objetivo do desenvolvimento sustentável, só poderá ser plenamente concretizada quando contemplar experiências localizadas, como as das mulheres negras em Portugal, que através da luta coletiva e da pedagogia comunitária têm reinventado o próprio significado de aprender e ensinar.

Referências

Revista Conexão ComCiência,
Fortaleza, n.1, v.6, e16727, 2026
ISSN: 2763-5848



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
Atribuição 4.0 Internacional.



CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. In: SCHWARCZ, Lília Moritz; REIS, Letícia A. (Orgs.). **Negras imagens**: Ensaios sobre a cultura negra no Brasil. São Paulo: Edusp, 2003. p. 117–136.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

FEMAFRO – Associação de Mulheres Negras, Africanas e Afrodescendentes em Portugal. **Quem somos**. 2016. Disponível em: <https://femafro.pt/quem-somos/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOOKS, bell. **Teaching to transgress**: Education as the practice of freedom. New York: Routledge, 1994.

INMUNE – Instituto da Mulher Negra em Portugal. **As vozes da mulher negra**. 2018. Disponível em: <https://www.afrolink.pt/artigos/as-vozes-da-mulher-negra-quebram-o-silencio-num-documentario-inedito>. Acesso em: 29 ago. 2025.

KILOMBA, Grada. **Plantation memories**: Episodes of everyday racism. Münster: Unrast Verlag, 2010.

PÉ DE POTÊNCIA. Projeto Afá – Pontes e raízes migrantes. Publicação no Instagram, 2024. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DEpikJ7o-AY/>. Acesso em: 29 ago. 2025.

PÚBLICO. **Não defender apenas igualdades, pedem feministas negras**. *Público*, Lisboa, 3 dez. 2018. Disponível em: <https://www.publico.pt/2018/12/03/sociedade/noticia/nao-defender-apenas-igualdades-pedem-feministas-negras-1853236>. Acesso em: 29 ago. 2025.

UNESCO. **Educação para os objetivos de desenvolvimento sustentável**: Objetivos de aprendizagem. Paris: UNESCO, 2017.

